O ABRAÇO ETERNO

UM GUIA PARADIDÁTICO

WELINGTON LIBERATO DOS SANTOS

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

O abraço eterno é uma obra de ficção, mas qualquer semelhança com fatos não é mera coincidência.

Era um verão especialmente quente e úmido em São Sebastião, litoral norte de São Paulo, com chuvas fortes ao fim das tardes e sol escaldante ao longo dos dias. O bairro Camburi, entre uma charmosa praia de areias finas e águas límpidas e a paisagem deslumbrante da mata Atlântica, conserva ruas de terra batida e casas caiçaras construídas com madeira e sapê, ao lado de lojas, sorveterias, bares e restaurantes descolados. A combinação de rusticidade e sofisticação, de vila de pescadores e balneário, atrai turistas ávidos por natureza e sedentos de conforto, como Maria de Fátima e Demerson. Ela hospedava-se no chalé de uma amiga na localidade conhecida como Sertão, do outro lado da rodovia que margeia a costa litorânea, a Rio-Santos; Demerson estava em uma pousada à beira-mar.

Demerson curtia descansar do trabalho árduo na capital paulista longe de tudo e de todos – tinha um lado gregário e outro bicho do mato e as viagens solitárias atendiam esses dois modos de ser contraditórios e, de quebra, proporcionavam novas amizades. Por isso não se intimidou em pedir às moças estiradas na areia que vigiassem sua mochila enquanto dava um mergulho. Elas assentiram displicentes, de costas sob o guarda-sol, cabeças tombadas de lado. Movidas pela curiosidade, esticaram o pescoço e viram-no partir para o mar, de bermuda,

sem camisa, e enfrentar ondas traiçoeiras até ser tragado pelas águas salgadas. Meia hora depois, retornou sem ser notado, catou suas coisas e saiu à francesa.

Sob lua cheia e céu límpido, a noite era uma criança feliz para Demerson. A fome apertou e ele saiu à caça de um restaurante pé na areia, que servisse peixe com farofa de banana-da-terra e pirão. A maresia despertava o desejo de comer camarão no bafo, lula à *dorê*, casquinha de siri, todos aqueles pratos típicos do litoral, com ingredientes frescos e garoupas ou corvinas recém-pescadas. O dono da pousada lhe indicou o lugar perfeito para satisfazê-lo.

Havia fila de espera na entrada do restaurante, uma aglomeração de gente animada, descontraída, em bate-papos e goles prazerosos de cerveja. O inconsciente coletivo, agindo de modo nada original, conduziu a *turistada* de Camburi para a mesma fome e ideia, inclusive as moças que se dispuseram a vigiar sua mochila na areia da praia horas atrás. Demerson não as viu, elas, sim. Cilene reconheceu o morenão cheinho, de pernas grossas e ombros largos, e cutucou a amiga. Ele em pé e as duas confortavelmente sentadas numa mesa para quatro. Maria de Fátima e Cilene acenaram num gesto convidativo. Não obtendo resposta, intensificaram os sinais. Absorto no copo de chope e no agito, ele olhava na direção das duas sem enxergá-las. Quando, enfim, Demerson notou que era alvo de tamanha comoção, perguntou-se, espantado, quem seriam aquelas malucas. A imagem dos corpos de biquíni lagarteando na areia não condizia com aquelas jovens elegantemente vestidas, fresquinhas, bronzeadíssimas à sua frente: a mais baixa e voluptuosa, de blusa

tomara que caia, estampa floral e colar de sementes e a mais alta e magra de camisa de alcinha branca deixando à mostra marcas do bronze. Os rostos, adornados com sombra esfumada sobre a pálpebra superior e batom rubro realçando bocas de sorrisos fartos, imploravam sua companhia. A ficha demorou, mas caiu: ficaria lhes devendo mais um favor.

À primeira vista

A química aconteceu. Demerson encantou-se com Maria de Fátima e vice-versa. Os olhos castanhos esverdeados, as faces sardentas, cabelos sarará e o sorriso largo e sincero daquela moça de aparência voluptuosa personificavam uma estrofe romântica e sensual de uma balada de Djavan. Ela simpatizou com o rapaz de testa larga e pele escura realçada pelo sol praiano, cujos olhos pequenos ficavam ainda menores quando o sorriso tímido amenizava a expressão de seriedade.

– Quando abria a boca, fechava os olhos.

De tão entretidos com o papo não pediram almoço: ele esqueceu o tão desejado peixe com farofa de banana-da-terra e pirão e ela ignorou a amiga Cilene. Satisfizeram-se beliscando aperitivos e bebericando cerveja. Maria de Fátima fazia o tipo gulosa e pouco habituada a beber álcool. Saboreou vorazmente lula *à dorê* e a imagem daquela boca carnuda abocanhando pedaços do molusco, mãos gordurentas, marcou as retinas *nada fatigadas* de Demerson. Para prolongar o momento voyeurístico, ele mal tocou a iguaria. Preferiu ficar na cerveja.

– Por isso a barriga saliente!

Cilene, em geral alegre e extrovertida, não abriu a boca. Segurou vela a noite inteira. Feliz pela convidada solteira ter se dado bem, partiu desculpando-se com um tchau torto e malicioso.

Na orla a brisa noturna refrescava o rescaldo de sol presente nas peles tépidas bronzeadas e provocava uma sensação de bem-estar que só a natureza propicia. O cenário paradisíaco, a temperatura amena e um leve pilequinho somavam-se à expectativa de um contato íntimo prestes a ocorrer. Os dois eram puro deleite. Inevitável as mãos se tocarem, depois os ombros e finalmente os lábios. Ele a agarrou, fechou os olhos e imprimiu um beijo doce, nada voraz. Ela manteve os olhos abertos como se quisesse registrar o momento. Continuaram a caminhar pela praia de Camburizinho carimbando pegadas na areia úmida logo desfeitas pela maré.

Rita e José Otávio com os filhos adotivos Gabriel Otávio e Cauã

www.editorapenalux.com.br

wel2005@uol.com.br

@welington.santos.14855

https://gaaso.ong.br

contato@gaaso.ong.br

Livros iluminam

Composto em Minion Pro e
impresso em Pólen Soft 80g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em setembro de 2021.